

O ESTADO

O padeiro inventou
mesmo a rosca
ou faltou massa?

(Mito)



Interessante

TERESINA, DOMINGO 21 DE MAIO DE 1978

Cazê denuncia plágio no concurso do Tiradentes

Cine Clube

comemora dez
anos de
atividades
e traz Cinema
de Arte pro
Piauí

No Zum Zum

as broncas que
você gostaria
de ler

Na Coluna Marginal

as dicas de
política e de
outras coisas feias

Tem mais

Ary Sherlock, cur-
tição, música,
cinema, cartas,
entrevistas
e outros
babados mais



Darcy Villa Verde:

-Detesto tocar música popular

Atenção

Aqui

Oi, eu aqui de novo. Ainda meio acanhado. Sem jeito. Feito um pouco mais embaixo. Mas tô aqui. Tô aqui pra não perder o costume. Fazendo da fraqueza força, pra que vocês possam curtir agradável. Desta vez estamos um pouquinho mais à vontade, felizes porque (pro nosso gosto), estamos pintando de legal. Ai do lado direito, o Marcos fala nos tempos de AGORA. Na frente tem rádio e TV e coluna Marginal não saiu hoje. Adiante o Luís Cláudio anuncia a volta da dupla Leno e Lilian e curte outras transas musicais. Nas três páginas que se seguem tem uma espetacular, sensacional, vibrante, genial e não sei mais o que entrevista com o Darcy Villa Verde. O L. Cláudio foi ver o concerto do camarada e já o conhecia do Rio, do tempo que ele ainda não era «um dos maiores violonistas do mundo». Levaram um papo legal que a gente reproduziu pra vocês. Vire a folha e você dá de cara com o cinema do Jari Mosil, que traz um depoimento do Teotônio, presidente do Cine-Clube, sobre as atividades do mesmo. Corra a vista um pouquinho mais adiante e você encontra o Geraldo Acioly, que estréia aqui com um poema pra lá de bom dizendo que viver é uma contradição. Pertinho do Geraldo tem o Ary Sherlock com duas poesias que por serem suas dispensam comentários. O Ary é o Ary e pronto. Na página seguinte tem uma outra estréia: o Venceslau Santos mostra o que é a vida de um presidiário e, ainda na mesma página o desabafo alegre ou triste de alguns leitores. Desabafe você também. Vire de novo e você depara com o Raimundo Rosa (Cazé) falando sobre o concurso promovido pela PM, para escolher o hino do Tiradentes. O Cazé botou pra quebrar. Depois tem apenas o Zum-Zum com as dicas que «enchem mais agrados». Esse número não tem cara nem coroa. Estão acontecendo poucas coisas interessantes na Terra de Antares. Vá conferindo e estamos conversados Até domingo.

Agora

“AGORA vou divertir, AGORA vou começar, quero ver quem vai sair, quero ver quem vai ficar, não é obrigado a me ouvir, quem não quiser me escutar...” AGORA sim. Parece que cessa vez vai dar pra fazer. Mesmo AGORA já chegou a hora de tudo. Chegou a hora do cara fazer besteira e ser aplaudido. Chegou a hora da cafonália. Chegou a vez da caretice. Porisso vai valer tudo. Besta é quem ficar de braços cruzados achando que não tem condições de entrar na onda. Cê vê o monte de gente que tem fazendo rima aí, tirando uma de poeta? E os compositores...?

Ai, que dor de barriga. Mas é isso aí, tá valendo tudo. Não tenha vergonha de dizer que é um camarada muito devagar, quase parando. Pode dizer que gosta do Walcyk que você num vai mais linchado, não. Pode dizer que é romântico ou que foi traído, que num pega mais não. AGORA tudo tá pintado. Tenha coragem e bote seu nome em baixo e deixa correr frouxo. AGORA é a vez de set cafona. Vamos todo mundo ser imbecil. Só assim você é reconhecido nas ruas. Vamos dizer burrices pro povo sair dizendo: “esse cara é um intelectual”. Leia os colunistas da terra e reproduza o que eles disseram pra sua namorada que ela vai ficar achando que você é entendido. O negócio agora é picaretagem. É abraçar todo mundo pelas ruas (conhecidos e desconhecidos), sorrir e cumprimentar com a cabeça e depois anunciar que candidato a vereador. Tenha coragem de dizer que está apaixonado, não quer a bancar o durão. Abra a camisa e saia cantando a sua dor de cotovelo - “AGORA que já vi o quanto és falsa, vou dizer na tua cara, o que eu penso de ti...” “Se sua garota foi embora e lhe deixou na pior, diga” Ah, eu AGORA estou sozinho, minha menina, que eu amava bem mais que o céu e o mar, foi pra tão longe... “Ou se foi você que deu o fora, cante assim:” AGORA é tarde amor e tarde amor, é muito tarde eu sei, você vai sentir a falta dos carinhos que eu lhe dei...” ou “Inotensivo aquele amor, que nem sequer se acomodou, já morreu. Quem destratou a ilusão, que frequentou seu coração, não fui eu. Porisso AGORA, deixa estar...” Mesmo, “AGORA é tarde para te esquecer porque me apaixonei...” Bom, “Mas AGORA eu vou recomençar...” E “AGORA não vou mais viver, como eu vivia antes a chorar, com tanto amor pra dar e sem poder amar...” eu “AGORA vou mudar minha conduta, eu vou pra lua, pois eu quero me aprumar. Vou tratar você com força bruta, pra poder me reabilitar...” pois “de hoje em diante eu vou modificar o meu modo de vida, aquele instante

que você partiu, destruiu nosso amor, AGORA não vou mais chorar...” Ou se o cara tá amarrado na mina de num ter mais jeito: “só AGORA eu entendo, que não posso nunca, nunca lhe deixar...” “ve se AGORA tu me caldes des escutando esse meu pranto...” Ahra o peito, desabafe, cante, encante ou desencante, fure e deixe sangrar, faça de conta que você existe, não é mera ilusão de ótica, vá forçando com jeito, que você chega lá. Vire, mexa, escorregue, caia do outro lado, mas fale. Diga alguma coisa. Vale tudo: “AGORA, que entre nós dois mais nada existe, não sei se estás alegre ou triste, não sei se és feliz ou não...” “AGORA que te dei a minha vida também os meus carinhos viverás só pra mim...” “calcei sapatos novos, e vou pelo mundo agora, é minha vez AGORA, de te pisar...” “se enganai-me um dia AGORA que comparendi...” “uma calça Lee AGORA vou usar...” “você só deseja AGORA, voltar pra sua gente...” “e AGORA, recorda do aquela tarde de verão...” “pelo nosso amor pela minha dor, onde estas AGORA...” “e AGORA, a todo instante te que passa...” “AGORA adoras a quem te magoa...” “e AGORA, você passa e eu acho graça...” “alma negra que encontra AGORA...” “e AGORA, depois de tanto tempo...” “quanto tempo passei, tão distante e tão longe de alguém, que tanto eu quero bem... mas AGORA voltei...” “já fui homem, fui menino, mas é sempre a mesma dor, fui sozinho até AGORA, nenhum bem, nenhum valor...” “a cidade AGORA, do outro lado tem...” “o ponteiro AGORA marca 190...” Ou se você acha que isso aí já era que “não vai te prender AGORA pois hora é de lutar...” você pode partir pra outra: “meu senhor, minha senhora, vou falar com precisão, não me negues nessa hora, seu calor, sua atenção, a canção que eu trago AGORA, fala de toda a nação...” “AGORA é tudo alegria, um mundo só de poesia...” “que pena morena bonita, que AGORA quem cante, não tenha poder...” por que “são setenta horas no Brasil AGORA...” e “eu já fui rei, já fui cantor, já fui guerreiro, AGORA vou ser com panheiro, da mulher que apareceu...” Bom, a gente podia ir muito mais longe com essas besteiras. Se você quiser ser Prossiga sozinho. Eu não quis dizer nada (era só pra encher espaço), ou quis dizer isso mesmo que você está pensando. “Você não está entendendo nada do que digo...” porisso vou terminar: “AGORA fecho esta roda, a roda que eu mesmo fiz, a roda que é do povo, onde se disse o que quis, onde se disse o que quis”.

— MARCOS IGREJA —

FICHA



DIRETOR—Marcos Igreja; REDATOR—Alberoni Filho; SECRETÁRIO—Arimatêa Moreira; DIAGRAMAÇÃO—Machado Neto; REVISÃO—Nelson. Este suplemento é transado neste mês mariano (já é tempo de soltar papagaio) por obra e graça do Espírito Santo e a benção dos macumbêiros da terra. Tem como correspondentes o Durvalino Filho e o Pê José em Brasília, o R. Wilson no Estado do Rio, o Zé Alencar em Belém, o Xico Pereira em Recife, o Etim em Fortaleza e o Haroldo Barradas em Minas. É apoiado moralmente pela Maninha, a Fátima, a Dio, a France, a Madaleno, a Aizira, a Rosarinha e o Toinho. Só nos responsabilizamos por artigos assinados. Este é o número 6 e não pode ser vendido separadamente. Reze por nós e até outra vez.

Uma contradição

Sentir-se imenso, realizado,
Não cober dentro de si,
Ficar sem fôlego, sorrir,
Correr de encontro ao vento,
Senti-lo intensamente.
Mirar-se num riacho cristalino,
Passear, descalços os pés, sobre o
barro, as pedras, a lama...
Chorar de emoção, tristeza, decepção,
Ir ter com a multidão e sentir-se só,
Sofrer esperando a morte,
Sabendo sorrir à vida.
Entediar-se no dia a dia,
Adoecer pela rotina enervante,
Sentir-se pequenino, frustrado,
Perder-se dentro de si,
Ficar sem fôlego de dor,
Correr para pegar o ônibus,
Senti-lo sacolejar,
Não ter tempo nem de olhar-te,
Sorrir quando ela vem,
Chorar quando ela se vai...
Achar o mundo "Lindo de Morrer",
Ou querer morrer porque este
mundo é bem ruim,
Gritar a todos e ninguém ouvir,
Estender a mão e vê-la recusada,
Exumar recordações em busca de
alegrias,
E só ferir-se ao exuma-las,
Sentir o sangue e palpitar nas veias,
Procurar amigos a ser sempre só,
Morrer em breves instantes,
Revivendo noutros bem enfiados,
Sentir a angustia de não ser
E a satisfação de se saber que é...
Ter fome, frio, sede
Ou estar tão agasalhado e farto a
ponto de sentir-se mal,
Ver uma criança sorrir,
E tudo então renascer,
Colher flores perfumadas,
Descobrir os seus espinhos,
Querer construir algo de bom,
Ter coragem de ver lado ruim,
Ientar outra vez, não desistir,
Odiar, querer, desejar, desprezar,
construir, dar, receber e amar,
E isso que é viver.

Geraldo Acioly

Ary Sherlock :

O meu "se"

Com respeito e admiração, à gran-
de belaetrísta DINORA TOMAS
RAMOS

Se uma lágrima, que fôsse, surgisse
agora, turvando o meu olhar
Se minha dor se convertesse num
cântico profundo de amor
Se do nada que sou, um tudo surgisse
Se um crepúsculo interior minh'alma
cobrisse
Se a música do ar parado fizesse
massagem de silêncio
Se um soluço quebrasse este mudo rumor
Se uma onda vísse e me afogasse em
espumas
Se o mar com que sonho me levasse em
navio
Se o "se" se soltasse do condicional
Eu ainda estaria no "se" do começo...

Gênese de ti

ARY SHERLOCK

Surgiste...
Não sei como
Vieste das plagas ignoradas do
não sei onde
Chegaste com a força dos furacões
desconhecidos
Jogaste a impetuosidade de tua vida
sobre minha existência incerta
Fizeste do meu passado um ponto
final de fumaça
Criaste meu presente de inquietudes
emocionais
Puseste nos meus sonhos matizes
encantados
Ficaste sem nada dizer...

Sorindo... Olhando...
Minha máguia crescer...

Zum Zum

No pé do ouvido

CONTINUA SENDO

Já estão dizendo que o Teatro 4 de Setembro será um dos melhores do nordeste. Salvo engano, essa cantilena foi muito repetida há um ano atrás e o Teatro continua sendo. Até quando realizará alguma coisa pela Piauí sem tanto «bate-boca»?

(Jari Mosil)

A MANCADA

Em matéria de cultura o nosso estado é, sem qualquer dúvida, a unidade mais atrasada do país. Um violinista que por aqui chega é mais badalado do que sino deca pela do interior em festa de padroeira. Mas o Darcy, que não é burro, fez a dele no late e deixou as «dondocas» e seu deslumbramento vendos navios. Botando em pratos limpos: foram para ver, ouvir e aplaudir um show de música popular, ignorando que o instrumentista é «expert» em música clássica...

(Jari Mosil)

...NÃO PENSAM O QUE DIZEM

Parece que as calçadas de pedras portuguesas vão demorar, com certeza. O negócio é que começaram a fazer uns metrinhos no centro da cidade e pararam, dando uma péssima demonstração de desorganização. E pior: deixaram alguns trechos em péssima condição para o trânsito dos pedestres, que abrem o bocado e... (Emerson, o filósofo)

O PREÇO DA GLÓRIA

O consagrado pintor conterrâneo Afrânio fez um magnífico mural no Banco do Estado do Piauí que é aquilo que todos já sabem. Agora eu quero saber quem fez uma cópia do mesmo mural numa residência da rua Riechuelo, próximo ao estádio Municipal. (Jari Mosil)

AH! ESSA POBRE CULTURA

Eu não queria tocar no assunto porque, inclusive, há uma entrevista na coluna de cinema... mas até eu, que sou um dos membros da

instituição (como sócio, é claro) ignorava que o CINE-CLUBE TRINSELENSE, sem favor a única entidade cultural com vida ativa em nossa capital, sobrevive sem qualquer ajuda dos poderes públicos. Onde estão os deputados e os vereadores que lutam pela cultura «dos nossos invictos» Estado e Município que até agora não se deram ao trabalho de destinar uma verbazinha para a apresentação pessoal para os artistas que fazem cine-clubismo nesta Antártica do Norte? (Jari Mosil)

MAIS UMA.

Luis Gonzaga lançará no seu próximo LP uma musiquinha de autoria do seu filho Gonzaga Jr., intitulada «FROM THE UNITED STATE OF PIAUÍ». Já tivemos oportunidade de ouvi-la na gravação de Rolando, por sinal sem qualquer repercussão. O troço é mais uma gozação sobre a caveira da gente mas não chega ao deboche e por isso acreditamos que fará sucesso quando aqui chegar. (Jari Mosil)

QUEM TE VIU...

Quando morava no Rio eu esia muito para um brrzinho da rua Paisandú, o «Duas Nações», do português Manuel Nova. Foi lá que vi pela primeira vez Caetano e Gil, que andavam na companhia de Torquato Neto. Naquela época esse trio era muito unido e desnecessário será dizer o que conseguiram os seus integrantes realizar na MPB. O que eu estranho é que nas últimas entrevistas de Gil e Caetano o Torquato seja completamente omitido; ele que já chegou a ser o melhor letrista do fracassado tropicalismo. (Jari Mosil)

ADESISMO

Adesismo é um nome bonito que os eufemistas deram ao pelegos. (MARCOS IGREJA)

NOVAMENTE A PROFESSORA

Número anterior nós demos uma bronca em cima de uma professora de português da Escola Técnica (Prof. Conceição), por ela ter dito numa turma que a palavra DEUS não podia ser analisada, por ser intocável, «ninguém mexe». Bom, depois nós soubemos que ela é uma excelente mestra e que é benquista por seus alunos, coisa e tal. Viemos pedir desculpas à professora Conceição por termos sido meio áspero em nossa crítica e por tê-la magoado com o que dissemos. Agora uma coisa: nós colocamos aquilo baseado numa informação que nos deu um aluno da Escola Técnica, turma «E» do curso de Estradas. Ele assegura que a senhora disse em sua (tele) classe que o termo DEUS não podia ser enquadrado em nenhuma classe gramatical, por ser uma coisa sagrada.

Bom, professora. Ai já não é mais com a gente. Pedimos desculpas mas a bronca fica dada. Só lamentamos é que uma excelente mestra como a senhora dá uma mancada dessa. Até mais!

(Nosferato)

O OURO DO OFÍCIO

Sorry, periferia. O Miguel Cavalcanti, além de estar magnificamente instalado com um escritório onde, além de curtir um programa excelente num tevezinho portátil e ar condicionado abaixo de zero grau, andou declarando que dentro de poucos dias receberá uma «Nosferati», modelo 73 para esnebar por esta buracapa. E ainda dizem que jornalismo no Piauí não engorda pintos. (Machado Neto)

DE UNIVERSIDADE

A partir do próximo número teremos uma página dedicada às coisas que acontecem no mundo universitário do Piauí. Se você é universitário e tiver a fim de dar uma mãozinha, váinha conversar com a gente. (A GERÊNCIA)

Cine Clube Teresinense — 10 anos de atividades

Dez anos de atividades na vida de uma instituição com fins culturais não deixa de ser motivo para destaque. E o CINE-CLUBE TERESINENSE comemora o seu décimo ano de atividades ininterruptas, um exemplo que deve ser seguido por qualquer outra instituição de caráter igualmente cultural. Por esse motivo entrevistamos o sr. Francisco Teotônio da Luz Neto, que, por coincidência, foi o primeiro e é o atual presidente do CCT.

Como surgiu a idéia de fundar o CINE-CLUBE TERESINENSE?

— Em 1962, o Pe. Moisés Fumagalli S. J. ministrou um Curso Básico de Orientação Cinematográfica, no Colégio São Francisco de Sales, que foi frequentado por inúmeros interessados pela sétima arte. No fim desse curso, com o aproveitamento obtido e o entusiasmo de cada participante, pensou-se em criar uma Entidade que desse prosseguimento às atividades de estudos cinematográficos em terras piauienses. Foi assim que surgiu o CINE-CLUBE TERESINENSE, sociedade civil constituída em 15 de setembro de 1962, com fins culturais, duração indeterminada, sede, administração e foro jurídico em Teresina-PI, situada provisoriamente no Colégio São Francisco de Sales, à Praça Saraiva, No. 363 S, conforme foi registrado legalmente como personalidade jurídica sob n.º 254, no Cartório do 1.º Ofício desta Capital, em data de 27 de novembro de 1962. Reconhecimento de Utilidade Pública por Leis Municipais (No. 903, de 19/2/63) e Estadual (no. 2.416, de 06/4/63). Posteriormente foi integrado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí por ato do Governo Estadual, como órgão assessor no campo cinematográfico, estando credenciado a representar a referida Secretaria, oficialmente, junto a organismos congêneres de âmbito municipal, estadual, nacional e internacional.

Quais os objetivos do CINE-CLUBE TERESINENSE?

Os seguintes:
a) analisar esteticamente, filosoficamente e eticamente a produção cinematográfica antiga e moderna a luz dos princípios da filosofia e teologia ca-

tólicas; b) estudar objetivamente os diversos aspectos da cinematografia, tais como: teoria e técnica do filme estético cinematográfico, ética e história do cinema; c) defender o cinema como arte e manifestação cultural; d) aplicar o cinema como arma de cultura e educação popular, como força plasmadora da opinião pública e costumes populares.

Com que meios conta o CINE-CLUBE TERESINENSE para conseguir tais objetivos?

— Com os seguintes: a) promover conferências e cursos sobre assuntos cinematográficos; b) exibições de filmes de filmes notáveis que passam no mercado local, para fins de orientação da opinião pública; c) exibições de filmes notáveis quanto à forma ou conteúdo, escolhidos entre os da cinematografia antiga e moderna; d) debates e trocas de idéias entre os sócios sobre filmes exibidos no CCT ou sobre questões gerais de cinematografia, em forma de cine-fórum, etc.; e) formação de uma biblioteca especializada no assunto e de uma filmoteca; j) promover o cinema-dorismo etc.

A quais entidades o CINE-CLUBE TERESINENSE está filiado?

— A Federação Norte-Nordeste de Cine-Clubes, com sede em Fortaleza-Ceará, como membro fundador; ao Conselho Nacional de Cine-Clubes, com sede em São Paulo, como membro efetivo; e ainda às entidades que formam a União Mundial dos Cine-Clubes.

O CINE-CLUBE TERESINENSE recebe apoio ou ajuda dos poderes públicos?

— Apesar de sermos reconhecido de utilidade pública e órgão assessor da

Secretaria de Educação e Cultura, recebemos apenas a verba de Cr\$ 1.600,00, há alguns anos, da União e conseguimos da Prefeitura Municipal a verba de Cr\$ 300,00. O CCT vive quase que exclusivamente da contribuição dos seus sócios.

Quais os cursos atualmente ministrados pelo CINE-CLUBE TERESINENSE?

— Mantemos dois cursos: Curso Básico de Orientação Cinematográfica e Curso de Aperfeiçoamento.

Como está constituída a atual diretoria do CINE-CLUBE TERESINENSE e qual a sua meta de trabalho?

— A nossa atual diretoria tem esta composição: Diretor: Padre Carlos Brechiani; Presidente: Francisco Teotônio da Luz Neto; Vice Presidente: Elton Constantino de Aguiar; 1.º Secretário: Antonio Luís dos Santos Brito; 2.º Secretário: Francisco de Assis Simeão da Silva; 3.º Secretário: Vicência Lustosa Machado; 1.º Tesoureiro: Edson Rodrigues de Azevedo; 2.º Tesoureiro: Maria Inês do Nascimento; Diretor Social: Adelina Maria Dantas.

Dentre as metas para a atual gestão destacamos: Conseguir a inscrição do CCT no Conselho Nacional de Assistência Social, com o que estaremos habilitados a pleitear verbas no orçamento da União; Inclusão de verbas nos orçamentos Municipal e Estadual, para o mantermos em andamento com o Governador do Estado, o Prefeito de Teresina e Secretário de Educação e Cultura; Implantação do "Cinema de Arte", cujo convênio com JOSE OMATI DIVERSOES S.A. — Cine Royal — está sendo ultimado, devendo as sessões serem realizadas aos sábados pela manhã.

Filmes da semana

Dois filmes nacionais, um inglês e um americano merecem ser vistos nesta semana. Os nacionais: "O Enterro da Cafetina", de Jeca Valadão. Em que pese o grotesco do título, é um filme que vem de excelentes bilheterias no Rio e São Paulo. Dirigido por Alberto Frazão, tem em seus principais papéis Eva Christian, Paulo Fortes, Fernando José, Nadyr Fernandes e o próprio Jeca Valadão. O outro nacional, "A 300 Quilômetros por Hora", com Roberto Carlos, esteve em cartaz no ini-

cio do corrente mês no cine Royal, agora irá para o Rex. O inglês: "A Noite Infiel", de Tony Richardson, baseado numa novela de Vladimir Nabokov (Lolita), com Nicol Williamson, Anna Karina e Jean-Claude Drouot. O americano: "Sindicato de Ladros", de Ella Kazan, um clássico do cinema americano, com Marlon Brando, Karl Malden, Eve Marie Saint e Tereza Wright. Eis a programação completa:

CINE ROYAL —
OS CINCO GUERRILHEIROS — Dias

21, 22 e 23 — Hoje, amanhã e terça.
O ENTERRO DA CAFETINA — de 24 a 30
SINDICATO DOS LADROES — Cinema de Arte — Dia 27, às 10 horas.

REX

A 300 QUILOMETROS POR HORA — Hoje e amanhã
A NOITE INFIEL — Dias 23 e 24 (Terça e quarta)
ESTRELA DO SUL — Dias 25 e 26 (Quarta e sexta)
FUJAM, SATARNA CHEGOU — Sábado.

Darcy Villa Verde, o violão e a arte



O fato de eu tocar bem ou mal independe mim. Eu, como qualquer artista, sou sensível e só toco bem onde o público entenda e respeite a minha arte

Já me chamaram de Lima Verde, Valverde, Arcoverde e outros Verdes. Meu nome é Villa Verde, assim mesmo separado.

Conheci Darcy Villa Verde em meados de 65, em uma loja de instrumentos musicais de um senhor conhecido como «seu» Mário, no Rio de Janeiro. Eu tinha 16 anos, estava iniciando um conjunto musical com uns amigos e o ponto de encontro da patota era na lojinha do Mário, onde a gente curtia um papo, trocava idéias sobre música e comprava os instrumentos e os acessórios. Sempre apareciam por lá alguns «cobras» de violão e tinha sempre um cara que todo o dia ficava lá, sentado num canto com um violão tirando «aquê» som em música clássica. O cara era o Darcy. Eu sentava junto dele, ficava sacando o que ele fazia e depois chegava em casa muito grilado, tentando repetir no violão alguma coisa que eu tivesse aprendido com ele. Algum tempo depois

eu soube que Darcy havia ganho o «Grand Prix d'interprétation» no VIII Concurso de Violão Clássico em Paris. Depois disso nos encontramos umas poucas vezes e depois de alguns anos fomos nos rever aqui no Piauí. Procurei Darcy antes de seu recital na Escola Técnica Federal, ele ficou muito surpreso em me ver «logo aqui em Teresina», bateimos um rápido papo e marcamos um encontro para o dia seguinte no Teresina Palace. Fomos para o apartamento, Darcy com seus SECRETÁRIOS Alan Romero e Gladys, com o gravador e o resto do papo vai contado aqui.

(Luiz Cláudio)

L.C. — Desde quando você começou a se interessar pelo violão?

DARCY — Desde os sete anos. Na época que eu te conheci eu já estava estudando para o concurso na França. Eu ia lá pra loja do Mário e estudava o dia inteiro. Mas eu comecei tocando popular, né? Eu desde cedo sentia uma intuição muito grande. Meu pai tocava violão muito bem, fazia solo só de música popular, mas tinha uma técnica muito perfeita, a mão direita no lugar, e ele me ensinou desde guri. Tanto meu pai quanto minha mãe eram tremendamente musicais.

L.C. — Foi seu pai quem lhe ensinou as primeiras noções de violão?

DARCY — Foi. Ele me ensinou a por a mão no lugar, etc. quando eu tinha 13 anos já tocava todo o repertório do Dilermando Reis e fazia os arranjos das músicas do Jacob, ou seja, transcrevia do bandolim para o violão mas de ouvido, pois eu ainda não sabia música. Eu passei uma grande parte da minha adolescência tocando em dupla com um tio irmão de minha mãe. Ele fazia o acompanhamento e eu solava, e assim fazíamos arranjos em dupla de músicas semi-clássicas e populares. Em 58 conheci um senhor do Banco do Brasil, «seu» Moacyr, que gostava muito de clássico e ele me disse — «Puxá, rapaz, você devia é tocar clássico. Você leva muito jeito...» Ele então me apresentou ao professor Soares e no dia 8 de julho de

58 eu comecei a estudar música clássica.

L.C. — Mas antes disso você já gostava de ouvir música clássica, como é que foi?

DARCY — Não, eu não tinha o menor contacto com música clássica. Minha cultura musical adquirida em casa era toda popular. O que eu ouvia de música clássica era semi-clássico. Meu pai gostava muito de um violonista chamado George Boulanger, um austriaco que tocava música cigana. Mas com música clássica mesmo eu não tive o menor contacto. Quando eu comecei a estudar com o Soares, que era na época um professor muito em moda, aí eu tomei gosto, isso em julho de 58.

Eu só estudo clássico e detesto tocar música popular. O que eu toco de música popular é um lixo!

Quando foi em agosto de 58 Segóvia veio ao Brasil e eu fui vê-lo no Municipal. Aí fiquei doído. Quando vi aquele cara tocando violão de casaca no Municipal, o teatro superlotado eu fiquei maluco, e aí eu vi que era aquilo que eu tinha vontade de fazer, embora eu não tenha entendido quase nada do repertório que ele tocou.

L.C. — Então a partir daquele recital do Segóvia você acabou que a sua era violão clássico?

DARCY — Foi, mas naquela época eu não tinha técnica nenhuma, aí o professor Soares chegou para mim e disse: "Se você quer mesmo tocar, ser um violonista, esquece tudo que sabe e vai começar de novo da estaca zero". Então, eu parei completamente de tocar e passei dois anos só estudando, pelo método do Mário Rodrigues Arenas.

L.C. — Rapaz, você ter que começar tudo de novo, largar a maneira com que aprendeu a tocar para estudar com técnica não é mole... Deve ter sido um raio começar tudo de novo...

DARCY — Foi preciso muita força de vontade. Eu parei com toda aquela baboseira de Dilhermano, aquelas papaisadas todas e comecei a estudar sério. Estudava o dia inteiro. Mais tarde, já depois de ter ganho o concurso na Europa eu tornei a mudar a minha técnica. Eu havia dado um recital em Paris e ganhei uma bolsa de estudos com uma professora famosíssima, Guida Presti, (que aliás morreu há pouco tempo) e ela me ensinou uma técnica de sonoridade fabulosa, uma maneira diferente de fazer as cordas. E eu mudei, aprendi muita coisa na Europa. Eu fui pra lá um sujeito e voltei outro, a Europa foi a melhor coisa para mim.

L.C. — Darcy, na época que eu te conheci você era funcionário público, lá foi antes do concurso. Com todas essas viagens e atividades artísticas você largou o seu emprego?

DARCY — Não, eu sou funcionário do Ministério dos Transportes e estou à disposição do Gabinete do ministro Andreazza. O pessoal lá é chafes... Mas como artista eu ganho umas tretas lá vezes mais. Eu só faturando uma nota.

L.C. — Você de vez em quando se apresenta em televisão?

DARCY — Muito raramente. A televisão é muito ruim para o músico, que é um sujeito. Eu faço apenas umas quatro apresentações por ano. No exterior eu já me apresentei em programas de televisão na França, Itália, Alemanha, e no programa do Ed Sullivan, nos Estados Unidos.

L.C. — No exterior você só toca clássico ou toca também música popular?

DARCY — Não, só clássico mesmo. Eu não estudo música popular. O sujeito para tocar bem música popular ele tem também que estudar. O meu negócio

é clássico, eu só estudo clássico e não gosto de tocar música popular.

L.C. — Olha, eu senti uma diferença muito grande entre a primeira e a segunda parte do seu recital na Escola Técnica. Na primeira parte você só tocou clássico e foi um troço "fora do gíri". Na segunda, que você entrou com temas populares, me pareceu um negócio meio chutado. Eu senti que você estava fazendo aquilo de qualquer jeito, que não estava sentindo a música. Por quê então você tocou a segunda parte de música popular?

DARCY — Eu aqui eu obrigado a tocar música popular, senão todo mundo dorme, ninguém aguenta. Você disse bem, eu toquei mesmo de qualquer jeito, chutado mesmo e sem vontade nenhuma, mas a gente tem que ir de acordo com o público. Você entende de música e sentiu isso, mas o público daqui do nordeste não tem cultura musical nenhuma. Aquilo foi quase que uma gozação no público, que foi aplaudir aquela pagaiada toda que eu fiz no violão de qualquer jeito e não entendeu nada do recital de clássico da primeira parte do programa. No Iate Clube ainda foi pior. Eu toquei quatro músicas e fui embora.

L.C. — Eu sabia que o negócio no Iate não ia dar certo. Aquilo ali é um clube fechado, método, a esobe, e quiseram levá-lo a se apresentar lá por pura esnobação só para dizer que o famoso violonista Darcy Villa Verde se apresentou no "aristocrático" Iate Clube de Teresina. Eu sabia que não havia condições...

DARCY — Pois é, não deu pé mesmo. Primeiro que sou um artista clássico, profissional, e só posso tocar onde o público respeite a minha arte e pelo menos faça silêncio. Não é que eu tenha querido ser indelicado, mas eu vi que não dava o toquei quatro músicas populares (nem cheguei a tocar clássico) e encerrei com aquela baboseira de tamborinho que eu faço na "Marcelina".

L.C. — Outra coisa que eu notei foi a ausência de músicas de Bach no programa do recital. Por que você não tocou Bach?

DARCY — Eu toco Bach, acho que o sujeito que não toca Bach não é músico, mas aqui não dava pé. Já pensou se eu fosse tocar uma suite de Bach que leva uns quinze minutos? Todo mundo lá dormiu, começou a arrasar cadeira, e eu sou muito sensível à reação da plateia. Eu tive que escolher apenas temas curtos para por no programa, mas eu toco até um long play inteiro de Bach.

L.C. — Você toca a "Aria para a corda sol"?

DARCY — Olha, aquilo não dá para violão porque é uma música que precisa de muita sustentação. A duração do som no violão é pouca, embora a gente aprenda a conseguir o máximo, tem uma técnica e tal, mas não fica bom. Aquela

lábica é feita para a quarta corda do violino e precisa de muita sustentação. Da pra tocar mas eu acho que fica muito ruim.

L.C. — Já que fazemos em duração de som e recursos do violão, você já tocou um violão elétrico, assim só de onda?

DARCY — Muito, rapaz. Eu já toquei num conjunto no tempo do rock...

L.C. — Pô, Darcy, quer dizer que você já andou tocando rock? Você também teve um conjuntinho?

DARCY — Tive sim. Eu era guitarrista. Quem tocava no conjunto era eu, o Elton Menezes, o Enéias no piano e o Edson Machado na bateria.

L.C. — O Edson Machado, aquele "cobra"? Foi ele inclusive quem mais tarde introduziu a batida de pratos no samba. Eu considero o Edson um dos maiores bateristas do mundo.

DARCY — Pois é, era o Edson Machado mesmo.

L.C. — Mas isso foi há quanto tempo?

DARCY — Foi mais ou menos em 54. Eu tinha só uns dezoito anos. Foi no tempo que apareceu o rock. Nós começamos a ouvir aqueles discos do Bill Haley, era a maior amarração. A gente ficava ensaiando aquele negócio e tocava nos balles nos fins de semana. Tinha até acordeão e conjunto. O Elton era "cobra" no acordeão. O Edson na aquele tempo já era também "cobra" na bateria...

L.C. — No tempo da bossa nova os melhores bateristas eram o Edson e o Do Um...

DARCY — O Do Um é meu amigo lá em Nova York, mas ainda queimando um fumo louco. Ele saiu do conjunto do Sérgio Mendes porque já estava até atravessando ritmo de tafofo queimar fumo... Ele vive no harato, tá magro paca, todo dregue, tá parecendo um macarrão...

L.C. — Você que viaja muito pelo exterior, me diz aí como é que está a música brasileira lá fora?

DARCY — Não existe mesmo. Depois da fase da Bossa Nova ela se acabou. E você sabe quem enterrou a música brasileira lá fora com suas loucuras? Foi o João Gilberto. Ele chegou a fazer um sucesso tremendo, a ponto de não poder andar nas ruas sem ser reconhecido. Mas aconteceu que ele é doído e ainda por cima quer parecer mais doído do que já é. Ele mesmo com suas loucuras e sua irresponsabilidade acabou enterrando a música brasileira.

L.C. — E os outros artistas brasileiros que andam por lá?

A cultura esta na Europa, mas é nos Estados Unidos que se ganha dinheiro

DARCY — Tem o Sergio Mendes que está fazendo um sucesso danado. E a Astrud. Na França, por exemplo, quando se falava em música brasileira era a Astrud. Mas os brasileiros que ficaram sucesso mesmo e se estabilizaram por lá foram o Sergio Mendes e o Laurindo.

L.C. — O Laurindo Almeida, do violão? Mas ele quase não toca música brasileira. Eu acho ele meio fraco em harmonia...

DARCY — Você está enganado. Eu acho ele muito bom em música popular e harmonia dissonante. Ele é uma negação em música clássica. No ano passado ele foi contratado pelo Museu de La Lobos para vir tocar músicas de Villa Lobos aqui no Brasil e foi um desastre. Ele tocou um concerto para violão e orquestra que foi um troço "para inglês ver". Errava tudo, não tinha técnica nenhuma. Foi uma palhaçada...

L.C. — Este negócio de postura com o violão, colocar na perna certa, não deixar o polegar aparecer, etc, você não acha besteira? Um cara não pode tocar bem, obter uma excelente sonoridade sem seguir estas posturas "acadêmicas"?

DARCY — De jeito nenhum. Clássico não, não mesmo. Música popular pede. Exige uma técnica muito desenvolvida e você tem que observar todos esses detalhes, a posição da mão, pulsação, caída dos dedos, tudo isso é importantíssimo. Se você usa o violão na perna direita você jamais terá a mesma liberdade de movimentos no braço para obter os sons suave, pianíssimo, fortíssimo etc. Tem que ter técnica mesmo.

L.C. — O que você acha do Baden Powell?

DARCY — É muito bom em música popular mas não resolve tocar clássico. É uma desgraça. A sonoridade do Baden não é boa, muito metálica e áspera. Ele impressiona mas não é essas coisas. Também não tem técnica para tocar, põe o violão na perna direita e faz outras besteiras. Eu acho ele bom compositor e bom músico popular, mas nunca vi ele tocar um recital sozinho, sempre toca com acompanhamento.

L.C. — E agora mudando para violão clássico, o que você acha do Turibio?

DARCY — O Turibio Santos é meu amigo, aljás foi por influência dele que eu participei do concurso. Eu acho o Turibio esforçado, estudioso, mas não é um músico nato, você entende? Ele não é um músico por vocação. Ele apenas estuda muito mas é um artista frio, não sente interiormente a música, não transmite vibração. Eu o respeito muito mas sinceramente não gosto dele como músico.

L.C. — Quer dizer que foi por causa do Turibio que você foi à França participar do concurso? Conte aí como foi que você entrou e ganhou o tal concurso.

DARCY — Foi o seguinte: Eu conheci o Turibio logo que ele voltou da Europa onde ele havia participado do mesmo

concurso um ano antes de mim. Foi na casa do Jacoby (Jacób do bandolim) onde me levaram para uma reunião de música, um sarau de violão, e aquele dia eu desbundei. Tavam lá o Turibio, o Damasceno e outros "cobras" que quando me viram tocar ficaram impressionados. Aí o Turibio resolveu me convencer a participar do concurso. Eu fiquei meio cabreiro porque achava que tocava mal...

L.C. — Naquela época você já estudava clássico?

DARCY — Já estudava sim, há uns quatro anos, mas eu achava que tocava mal. E tocava mesmo, pô, não tinha muita técnica. Mas então depois o Turibio me escreveu de Paris mandando as partituras obrigatórias, eu estudei prá burro e fiz a inscrição. Se lembra quando você ia lá na loja do Mário e eu estava lá em cima estudando o dia inteiro?

L.C. — Então naquela época você estava se preparando para o concurso, né? DARCY — Pois é, e o pior é que eu não sabia ler música direito. Eu fui a casa e estudei as quatro primeiras obrigatórias para o conforto entre violonistas. Decorei as partituras com a ajuda de uma pianista, Herminia Rajot, que hoje é professora de meu filho e estudei doze horas por dia durante dois meses. Para conseguir as passagens no Itamaraty foi um custo, eu fui como músico oficial.

L.C. — O Itamaraty patrocinou sua viagem?

DARCY — Eles me deram as passagens de ida e volta e uma ajuda de custo de 250 dólares. Ai eu fui e ganhei o concurso em 1966.

L.C. — Você deve ter ganhado também um bom prêmio em dinheiro, não?

DARCY — Só mil francos, uma miséria. Mas a partir daí eu me projetei como músico. Tudo que eu sou hoje foi a partir do concurso.

L.C. — Além deste concurso você não participou de outros?

DARCY — Não, porque não há outros. Esse é o mais importante que tem. Existe um outro na Espanha mas é muito sem expressão, não vale a pena. Eu também não posso mais entrar em qualquer concurso, pois afinal eu tenho um nome como violonista, sou muito conhecido e não posso arrijar a me queimar. Afinal, concurso é concurso e eu sou um cara nervosíssimo, agitado, e para enfrentar um concurso eu fico num estado de tensão horrível, querendo suprir a mim mesmo.

L.C. — Atualmente quem você considera o maior violonista clássico do mundo? Ainda acha que é o Segóvia?

DARCY — Não, o Segóvia já era. Atualmente o maior violonista que eu já vi tocar foi o inglês John Williams. No ano passado eu fui ver um recital dele lá em Nova York e foi um negócio de doido... O cara é esbaldante.

L.C. — E no Brasil, quais os violonistas clássicos que você aprecia?

DARCY — Tem o Antônio Carlos Barbosa Lima, de São Paulo que é muito bom. Mas os violonistas brasileiros que eu acho fabulosos são os irmãos Sergio

e Eduardo Abreu. Tocando em dupla eles são imbatíveis. Atualmente não tem em todo o mundo ninguém que toque igual a eles.

L.C. — Eu os vi tocar há uns dois anos em Teresopolis e depois eu ouvi uma parte de um disco que eles gravaram em Londres. Você já fez também alguma gravação, no Brasil ou no exterior?

DARCY — Não, não gravei ainda mas pretendo gravar. Eu sempre tive ideia de gravar o meu primeiro LP fora do Brasil. Já gravei em aqui na Philips, há algum tempo, mas era de música popular. Isso foi uns dois anos antes de eu ir para a Europa.

L.C. — Você pretende se fixar no exterior ou vai continuar mesmo morando no Brasil?

DARCY — Olha, eu não tenho nada assim em mente. Eu tenho que voltar agora para os Estados Unidos, mas morar fora do Brasil para sempre eu acho que não. Eu sou um cara muito breguê, muito ligado a minha terra e a minha família e acho que não dá são. Eu tenho as minhas raízes todas aqui e não quero abandonar disso tudo.

L.C. — Você acha melhor para um artista clássico a Europa ou os Estados Unidos?

DARCY — Os Estados Unidos. É a terra do dinheiro. Hoje em dia esse negócio de fama gira em torno do dólar.

L.C. — Mas no tocante ao público, onde você se sente melhor?

DARCY — Na Europa, é lógico. Mas a cultura está na Europa e o dinheiro nos Estados Unidos, portanto nos Estados Unidos é melhor para se ganhar dinheiro e o artista clássico também é muito respeitado lá.

L.C. — Em que lugar você acha que deu o seu melhor recital?

DARCY — Eu acho que foi no Carnegie Hall, em Nova York. Mas já dei excelentes recitais no Lincoln Center, na Europa fiz excelentes apresentações na França, Itália, Bélgica Suíça, Holanda e Inglaterra. No ano passado também fiz um recital muito bom aqui no Brasil, na Sala Cecília Meireles, no Rio. O fato de eu tocar bem ou mal independe de mim, depende mais do público. Eu, como qualquer artista, sou sensível e minha arte vai muito em função da receptividade do público. Se o público respeita a minha arte, entende e faz silêncio eu retribuo dando tudo de mim. Se o público não entende ou não aceita, eu não posso ter o mesmo desempenho. Foi o caso dessa minha excursão pelo Nordeste. O único lugar que ainda valeu a pena coisa foi Recife. O resto, Fortaleza e outros lugares foi um lixo...

L.C. — E pela América Latina, você nunca excursionou?

DARCY — Na América Latina eu não conheço nada, nunca fui a lugar nenhum, mas dizem que na Argentina o campo é muito bom. Todos os concertistas famosos vão à Argentina e nem passam pelo Brasil. Eu agora voltarei aos Estados Unidos para mais uma temporada através de uma agência de Nova York chamada William Morris Agency, que cuida do meu mercado de trabalho lá. Já tenho alguns recitais programados em salas de concerto e universidades.

Rádio & TV

Pardal II

A TV Ceará vai estreiar amanhã, segunda-feira, a tele-novela A IDADE DO LOBO, que apresentará com o conotação especial, a presença do Carlos Alberto (Simplesmente, Maria) contracenando com figuras de fama internacional, tais como a princesa Ira de Furstenberg, Brigitte Bardot, Florinda Bolkan, Cláudia Cardinale e não sei quantas outras estrelas. Talvez tantas quantas forem necessárias à TV Tupy, para sustentar o índice de audiência da nova tele-novela, que terá como estrela principal a loura Marcia de Windsor.

Pouca gente sabe que a duração de uma novela de TV, depende apenas das transas arquitetadas pelo produtor do texto. SE o texto está monótono, se as tramas urgidadas estão despertando pouco interesse, o produtor tem que rebolar para manter a novela em nível que desperte a atenção do tele-espectador. E é para garantir esse suspense perene, que a direção da TV TUPY espera jogar na IDADE DO LOBO, tantos personagens famosos do cinema quantos se eja m necessários para sustentar a estória no ar, despertando o mesmo interesse. Vamos esperar que a IDADE DO LOBO atinja o milagre esperado pela Rede Tupy de Televisão.

PARDALITO GOSTOU...

Do anúncio da vinda de Márcia de Windsor a Teresina, para comandar o «show» de beleza para eleição de Miss Pietuí-72.

PARDALITO NÃO GOSTOU...

De um noticiário do rádio local que está esindo de produção «jour le jour». O incrível é que até o seu patrocinador sabe disso e continua prestigiando o horário por inteira amizade.

PARDAL — PRESS

Estados Unidos Devolvem Ilha de Okinawa ao Japão / Spiro Agnew Volta a Washington Procedente da Asia Iniciou Viagem Rumo a Moscou.

TRANSAS

Já estão à venda na Diacuy Modas e nas bancas de revistas das praças Pedro II e João Luis Ferreira, os ingressos para os dois «shows» que Ronnie Von fará em Teresina no próximo dia 27.

O público não gostou da escolha de Hino do Tiradentes, ocorrida em festa pública no meio da semana no Clube dos Diários. A letra, diga-se de passagem, é simplória e faz citação de um «Amarelão», que pede até vermífugo (cá p'ra nós).

Filas «normes» são formadas por norte-americanos nos cinemas da Broadway para verem o filme «The Godfather» (em português: O Chefão), que pode bater o recorde mundial de bilheteria só alcançado por «E o vento levou».

O programa Flávio Cavalcante será suspenso no próximo dia 11 de junho, por força do final de contrato do apresentador com a TV TUPY e só voltará ao vídeo (não se sabe se ainda na Tupy ou noutra emissora), no dia 23 de agosto.

Tudo indica que um dos programas do Chacrinha será retirado do ar, na TV GLOBO. Fala-se que provavelmente será a «Discoteca do Chacrinha».

Hoje é dia de «Variedades Fernando Mendes», na Difusora e de «Domingo Alegre», com Joel Silva, na Pioneira. A luta pela preferência popular continua entre os dois d'sck-joqueis da pa óquia.

Música e discos

L. Cláudio

Leno e Lilian

Leno e Lilian (abaixo), depois de quatro anos estão novamente na praça com o seu mais novo LP pela CBS

Após quatro anos de separação a dupla voltou a gravar e está na praça com o seu mais novo LP pela CBS. Leno e Lilian são afiadados, cantam bastante mas falta um "tempero" para tornar suas interpretações mais comunicativas. O repertório não ajudou muito, incluindo músicas de melhor qualidade e arranjos mais aprimorados por parte de sua produção musical. Eles cantam desprezivelmente como duas erráticas em festa de colégio, e este LP não apresenta maiores novidades em relação às gravações de quatro anos atrás. O repertório é muito fraco incluindo uma versão muito inoçosa para a música "Day after day" do conjunto inglês Badfinger (que recebeu o título em português de "Dias Iguais") e por soar espontaneamente como a melhor música do disco "o que fazer em São Paulo na primavera", uma composição de Luis Vazzer e Tom Gomes. Esta faixa foi a única do disco em que, ao meu ver, alguém se preocupou com o arranjo e a qualidade da música em si é boa. Nas demais não há nada que mereça um destaque especial e a única coisa que impressiona de melhor em relação aos antigos discos de Leno e Lilian é o acompanhamento, que desta vez não conta com as guitarras desafinadas do Renato Barros e seus Blue Caps. A capa é totalmente sem imaginação apresentando uma foto muito "love story". Felizmente a CBS se mudou e desta vez não jogou na contramão aquele detestável catálogo que costuma botar em quase todos os seus discos, apresentando ali outra foto de dupla e o nome das músicas com os respectivos autores.

O TAMBA TRIO vai mesmo voltar. Luiz Eça, Hélio Milito e Bebeto já estão trabalhando os arranjos para gravar um LP que marcará a volta do melhor conjunto da época da Bossa Nova. Por enquanto apenas duas músicas foram selecionadas para o disco: "Cotidiano" de Chico Buarque e "Maria minha fé" de Milton Nascimento.

CHO CHUA (ou "Cada macaco no seu galho") é a música gravada por Caetano e Gil que está ouzificando a cada lado do Rio e em São Paulo. O disco sairá em breve pela Philips e deverá girar bem aqui em Teresina.

Já saiu pela RCA (e não pela Copacabana, como estava previsto) o mais novo LP do CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL intitulado MARI GRASS. Tecnicamente é o mais fraco LP do famoso grupo de "country music" que por deu muito com a saída de seu principal vocalista e guitarrista Tom Fogerty. O grupo agora reduzido a um trio não conseguiu a mesma sustentação vocal, perdendo muito de sua "performance" anterior.



CHICO BUARQUE DE HOLLANDA lançará em julho o filme e o LP da trilha sonora de "Quando o Carnaval Chegar". No disco, a música-título é interpretada por Nara Leão e Maria Betânia, "Baloque" é cantada por Maria Betânia, "A Caçada" por Chico Buarque e "Partido Alto" pelo MPB-4.

DA PEEADA: 2222 é o nome do mais recente álbum de GILBERTO GIL gravado em São Paulo em 19 canções pela PHILIPS. As músicas que fazem parte do disco são: "Canto da Ema", "Barril de Bala", "Eala do sereno", "Chiclete com banana", "O sonho acabou", "Orçamento", "Expresso 2222", "Ele e eu". A produção é de Roberto Menescal.



A CBS lançou em seu último suplemento mais um LP de Ray Conniff e seus cantores intitulado "I'd like to teach the world to sing" (cima)

Já está trabalhando por si o último álbum de CAETANO VELOSO intitulado do TRANSA, cuja melhor música é a "capa objeto", uma sação muito bem transada.

FINALMENTE nas lojas o segundo LP da dupla ANTONIO CARLOS & JOCAFI que chegou recebendo o título "CADA SEQUENDO" (o título original seria "BOMBA", mas foi trocado ao ver para o lançamento). O disco não correspondeu à expectativa por não apresentar nada de novo em relação ao primeiro. A continuar neste pé a dupla será definitivamente queimada quando lançar o 3.º LP.

A cantora piagueira LENA RIBEIRO (Barroquinha para os íntimos) retornará brevemente ao Rio onde já tem marcada a gravação de um terceiro disco pela Philips.

I'D Like To Teach The World To Sing—Ray Conniff

Lançado no último suplemento da CBS mais um LP de Ray Conniff e seus cantores intitulado "I'd like to teach the world to sing", com uma excelente seleção de músicas alegres que ganharam uma agradávelíssima interpretação por parte dos músicos conduzidos pelo famoso regente. Constam o repertório do álbum além da música-título, "Baby I'm a wast you", sucesso do Bread, "Go away little girl", composição de Carole King que esteve nas paradas na voz do garoto Donny Osmond, a sensacional "Imagine" de John Lennon e outras. É um disco certo para quem gosta de manter uma boa e atemporal discoteca.

Compacts mais vendidos

- 1 — Summer Holiday — Terry Winter (Beverly)
- 2 — There's no more corn on the broccol — The Walsers — (CBS)
- 3 — Oração de um jovem triste — Antônio Marcos — (RCA)
- 4 — Without you — Nilsson — (RCA)
- 5 — Pop Concerto Show — Pop Concerto — (Pop Tapes)

LONG PLAYS MAIS VENDIDOS

- 1 — O Primeiro Amor — Vários — (Som Livre)
- 2 — Roberto Carlos — Roberto Carlos — (CBS)
- 3 — Bandeira Das Internacionais — Vários — (Som Livre)
- 4 — Moscow Especial — Moscow Friends — (Copacabana)
- 5 — Tim Maia — Tim Maia — (Polydor)

Concurso de música é coisa rara, raríssima em Teresina. E pra completar, toda vez que aparece um aparece também mais um insatisfeito. No caso, o que importa não é saber se o cara que se julga prejudicado tem ou não razão. O importante é ouvir o depoimento do quem se diz «injustificado» pra avaliar o que ele tem na cuca. Dessa vez quem andou perdendo foi o Cazé, que passou bom tempo falando pro Marcos e Alheroni. Evidentemente, ele não bagunçou o coreto mas que a anulação do concurso para seleção do hino do Tiradentes. Uíah! o depoimento dele...



Neste concurso teve coisa errada. Quem diz é Cazé

Cazé, você acha que o concurso pra escolha do hino do Tiradentes não foi regular?

— Aliás o concurso apresentou duas edições, em instituição o concurso e é prêmio, o outro prorrogando o prazo de inscrição. Eu me inscrevi no primeiro prazo e o concurso prosseguiu sem nenhuma publicação depois disso (oficial). Aceitei que para os inscritos era exigido no edital que o trabalho fosse entregue da seguinte maneira: letra com música sobreposta. Eu entendi letra com música sobreposta e pauta musical com a letra distribuída abaixo.

Depois eu interromper. Você disse ainda se consideraria regular ou irregular a realização do concurso.

— Você se refere às provas... o concurso não houve eliminatória regular.

Por que?

— Porque não houve nenhuma publicação oficial e não houve critério de eliminatória. Você quer saber como eu fui eliminado do concurso, não é isso? Eu fui eliminado do concurso por um critério que não chegou ao meu conhecimento, sem que eu soubesse o local onde seria realizada a prova, data e horário.

Você atribui a culpa disso a alguém?

— Atribuo.

A quem?

— Aos próprios concorrentes.

De que maneira eles puderam, diga-me, tumultuar o concurso?

— Pra começar eu fui informado lá na sala dos ensaios por músicos da banda que o concurso se realizaria no dia 13. Jornal da terra publicou no dia 13, inclusive a última página, que a prova seria no dia 15. Diante disso, como eu não havia recebido nenhum aviso e nenhuma comunicação, eu fui ao quartel no dia 15 de manhã, perguntar em que hora e em que local seria realizada a prova. Ai eu fui informado de que a prova teria se realizado no dia 14 e que minha música tinha razão. Então a partir daí eu tomei uma providência.

Cazé, você confirma que o concurso foi realizado de maneira irregular?

— Absolutamente irregular.

A que a irregularidade do concurso deve ser atribuída? Aos organizadores do concurso, aos jurados... a quem?

— Só pode ser aos organizadores do concurso, à pessoa encarregada de promover a eliminatória.

Quem são os organizadores do concurso?

— Pelo que foi provado, quem tomou a frente de tudo no concurso foi a tropista social Elvira Raulino.

Você foi o único inscrito que protestou ou outros protestaram também?

— Até agora só sei de mim. Foi em entrevista na Difusora no programa do Al Lebra, porque eu só protestei de pu-

lico depois da finalíssima, antes do meu protesto foi ao comando.

Assuma aqui: para o concurso ser realizado de forma correta o que deve ser feito, na sua opinião?

— Assegurar aos candidatos o direito de estarem presentes às eliminatórias, o que não foi feito.

Fala aí: você diz que a música que levou o primeiro lugar é plágio...

— Essa suspeita eu levantei no momento que desisti de ir para a finalíssima por ordem do comandante. Naquele momento eu passei pela sala dos ensaios e constatei que uma das músicas ali estava era plágio. Ao constatar eu reforcei a minha decisão de não ir para a finalíssima porque daí pra diante o importante era apelar, lutar, para que a música plagiada fosse a vencedora por que aí eu teria mais argumento para exigir a anulação do concurso.

Baseado nisso, segundo eu ou informado, é que você lutou para que essa música fosse vencedora...

— Absolutamente certo. O que eu queria era entrar-me em argumento forte para que a música errada fosse a premiada...

Música errada ou plagiada?

— Música errada, porque não era a que devia ganhar...

Esclareceu um negócio, de quem é essa música plagiada?

Essa música plagiada é de dois autores. Eu só soube depois muita coisa que estava concorrendo com o Zelopes, o Béassis, o Luiz Santos, que são as pessoas que tem capacidade e latência para esses concursos em Teresina, são as pessoas que se apresentam como compositores, pelo menos até agora. Só no final do concurso eu vim saber que os vetes foram o capitão Claudio e o tenente Aguiar...

Os autores da música sabem que ela foi plagiada?

— Bom, o plágio inconsciente existe... o plágio...

Não, eu digo os autores da música original.

— Bem... Você se referiu ao Ciro Aguiar...

E.

— O Ciro Aguiar não tomou conhecimento disso por... o problema das comunicações. O nosso meio de comunicação não chega assim tão rápido...

Onde é que essa coisa mora?

— No Rio...

Já que o concurso foi anulado, como é que você vê as coisas, a expectativa, esse negócio todo?

— Primeiro, eu vou saber na corporação se a anulação do concurso aceita as inscrições; se permanece em seu candidato. Eu acho que o concurso deve ter um regulamento agora, sem esse regula-

mento. Se não houver um critério bem seguro aí eu passo a não ser candidato em nada.

Você deixou a entender que está bem satisfeito com a atitude do comandante. Fora a modesta, você fez lá na sua música, se o concurso foi realmente adiado conforme nota do Carlos Augusto ela concorrerá. Eu vou dizer o seguinte: isso aqui devia sair no começo da entrevista... a minha música quando eu escrevi a partitura logo o arquivista, o organizador das partituras das músicas pra banda, me procura lá na rua pra me dizer que de todas as músicas a melhor era a minha. Esse detalhe todos souberam, todos disseram pro comandante que a minha música tinha ótimas condições... Agora eu não sabia que essas mesmas pessoas que faziam essa afirmação pra mim concordavam no concurso porque não podia acreditar de maneira alguma que o comandante soubesse que o chefe da banda, o homem que assumiu a regência da banda estivesse concorrendo com os candidatos fracos... candidatos fracos são aqueles que não contam com orquestração, compositores simples, até certo ponto conhecidos. Eu nunca acreditei que o regente da banda estivesse concorrendo com a gente... eu achei isso ridículo papaz. Ele até desafiou carnavalesco à sua obra para efeito de empolgação.

Se você soubesse que o maestro estava concorrendo você entrava?

— Eu impugnavo. Porque todo o concurso tem regulamento e todo candidato tem direito de impugnar o outro.

Bom Cazé, pra fim de papo você fez maliz a entrevista a teu modo...

Vou encerrar a entrevista dizendo que tudo que eu estou declarando nesta entrevista é fora de qualquer questão pessoal porque Teresina me conhece há muito tempo nessa questão de música e eu sempre fui honesto com o progresso da música piauiense, principalmente agora que o governo realiza esforço no sentido de divulgar a cultura e a prática dos esportes. Então eu que me inscrevi no concurso não poderia de maneira alguma deixar de ser fiel às coisas da música e da arte; aceitar que o meu nome fosse excluído sem tão radicalmente vindo por intermédio de eliminatória criteriosa ou não criteriosa. Tudo que eu declarei foi no sentido de corrigir as coisas, inclusive de dar ao Tiradentes um hino que ele precisa, dentro daquilo que leçou o comandante a fazer um concurso honesto, e estou satisfeito por minhas declarações terem sido fluido para o que comandante pudesse cor os pingos nos 15. Se eu for eliminado na nova prova e os critérios forem honestos eu ficarei bastante satisfeito.

Na boca do povo

O prisioneiro

Três horas da tarde.

As paredes pegam fogo de tão quentes. O sol penetra naquele inferno em vida, naquele ambiente sórdido, como um Rei, assim como para dar um toque de vida num cemitério de vivos, onde tudo é parado e morto. Tudo uma existência inexistente. Só ele vive. Só ele respira. — Só ele respira aquele ar poluído, ar podre, ar que tem cheiro «gosto» de carne em estado de putrefação. — Só ele espalpa aquela vida quase impossível para um ser humano — uma sub-vida em um sub-mundo. — Que ser é esse que está ali parado? Rosto tranquilo, límpido! Olhar perdido na meditação calma a mirar um outro ser que não pertence aquele mundo, que está ali, e sim para uma outra pessoa que está distante. Muito longe. Para um ente que lhe é muito caro. Muito querido. Talvez também esteja divergindo, com a mente solta e pensar, com a mente concentrada num outro planeta longínquo. Num estrela distante, uma estrela a milhões de anos-luz da nossa galáxia. Uma estrela qualquer entre bilhões das que existem nessa imensa e maravilhosa abóbada celeste. — Ou quem sabe? — Olhando para dentro de si mesmo. Olhando para a vida!

Que ser é este que está ali imóvel, inerte e tranquilo? Com um olhar de santo que mas parece um zen-budista na sua meditada contemplação diária de identificação individual com os seres móveis e inanimados. Quem será?

Ele: parado e belo!

O sol o conhece. As paredes são suas velhas amigas, as grades também. Não há formiga que não «susurre» seu nome à noitinha, como uma antiga amante. Não existe caibro que não se ria para ele como velho companheiro de diábruras escolares e domingueiras. Nenhum recorte de jornal deixa de «pisar-lhe um olho», quando ele o pega, à guisa de cumplicidade. E toda borboleta existente não lhe nega voltas sobre sua cabeça, com grande afã, quando ele volta do seu «parado» de cinco metros, que é o maior «percurso» permitido.

Ele: muito calmo, com o olhar perdido no horizonte da vida. Veste-se simplesmente: calça de tergal preto, já um pouco surrada, muito limpa, passada a ferro frio. Camisa, também de tergal, branca como as paredes que se o cercam. Usa sapatilha «pê-de-anjo», de cor azul. Não usa relógios, nem anéis. Tampouco fetiches. — Nele tudo é simplicidade — Pode-se dizer que é o simples personificado, com um pequeno e sutil detalhe: uma negra e longa barba que desce do seu queixo e se lhe escorre até o peito magro e cabeludo, a qual lhe dá um «que» de um Rei na sua corte real, ladeado de súditos e bufões, apenas com uma pequena diferença: sem luxo e sem riquezas, sem nada de exótico. Mas com uma corte maravilhosa: a natureza (mesmo que tênue) com todo seu esplendor natural!

(Venceslau Santos)

O leitor marca presença

Escrevo para este jornal para dizer-lhes o seguinte: venho acompanhando o suplemento O ESTADO INTERESSANTE desde o primeiro número e, apesar de não concordar com tudo que vocês escrevem, tinha me conservado caladinho, só no meu cantinho sem manifestar-me nem contra nem a favor de vocês. Simplesmente os lia. Porém agora a coisa mudou de feição. Vocês penetraram num campo que me tocou profundamente e me deixou deveras transtornada. É o seguinte: no número anterior, em artigo assinado por Taffil Daudoni, vocês se referem às mãos irônica, e, apesar de ser o dia consagrado a elas, quase não se referiam «Pra não dizer que não falamos de mãos, era o título do artigo». O autor diz que não tem boas recordações de sua mãe. Isso é coisa que se diga! Mesmo que a nossa mãe não seja como a gente queria que fosse, só pelo fato de ser mãe merece toda consideração. Vamos mudar esse modo de pensar. Será que vocês tem alguma coisa contra as mães?

Desculpem se fui um pouco agressiva, mas é que também sou mãe e sei o que nós sofremos por nossos filhos. Continuem, o jornalzinho está bom.

Nair S. Rocha

Teresina — Piauí.

D. Nair, como a senhora percebeu, a matéria é assinada e reflete apenas o pensamento de seu autor. Não implica que a gente pense também como ele. Outra: não temos nada contra ser mãe, pelo contrário, o jornal está em estado interessante e ostenta uma mulher grávida na capa. Um abraço.

Olha bicho: estava ansioso para que vocês abrissem uma sessão de cartas, preu poder escrever proêcs. Estô achando genial o trabalho que vocês estão fazendo. Teresina estava precisando de um jornal desse tipo, onde a gente possa curtir e tirar um sarro legal. Agora uma coisa: nos últimos

números eu tenho sentido a falta do Edmar, do Galvão, do Noronha, do Durvalino... O que foi que aconteceu? sim, vocês não estão precisando de mais alguém, não? Eu tenho um bocado de coisa escrita, que eu acho legais. Vamos aí.

Antonio Reinaldo F. Oliveira

Teresina — Piauí

Olha bicho, aparece aqui e mostra o teu trabalho pra gente. Se colar, né. Quanto aos meninos: estarão aqui o mais breve possível. Deveriam estar nesse número, mas não deu pé. Talvez no próximo. Qualquer galho temos aqui.

Escrevo-lhes para dizer que um dos grandes problemas da imprensa da terra é a falta de desenhistas. Cartunistas principalmente. Estudei comunicação no Rio e lá mantinha umas tiras num jornalzinho da Faculdade onde estudava. Criei um personagem que agradava muito por lá. Se vocês quiserem eu posso dar uma mãozinha enquanto estiver por aqui. O Arnaldo tem um traço mais ou menos e muito futuro, mas esse Albert... Esse aí nunca foi cartunista na vida dele e dificilmente será. Devo dizer-lhes que meu trabalho é muito parecido com o do Feifer, de quem sou fã número um.

Fabrcício de Assis.

Teresina Piauí (em trânsito).

Uh! Fabrcício, você não é nem um pouquinho molesto, hein? Quanto a falta de cartunista no Piauí, você descobriu o pólvora. Nós também gostamos do Feifer e adoramos o Arnaldo. Em relação ao Albert não deixa de ser uma opinião... Só que ele não está mais aqui. Aparece pra gente ver o que você transa. Sem saber de nada é que não podemos dizer se você é bom mesmo ou tá fazendo onda. Vem.

Algumas cartas recebidas não saíram neste número por falta de espaço. Guentem as pontas que no próximo...

Endereço para correspondência: João Cabral — 471.